

SIGNIFICAÇÃO MUSICAL DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

ISSN: 2764-5622

Vol. 7 | Nº. 1 | Ano 2026

Daniele Pendeza

*Instituto
Neurodiversidade*
danielependeza@gmail.com

**Joíse de Brum
Bertazzo**

UFSM
joisebertazzo@gmail.com

**Rossana Flores
Bastos**

UFSM
rossanabastos.rb@gmail.com

Correspondência/Contato

revistaneurodiversidade@gmail.com

www.institutoneurodiversidade.com

Editores responsáveis

Daniele Pendeza

Lucas Pontes

Revisão

Filipe Russo

RESUMO

Muito é sabido acerca dos benefícios da música para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo, porém, ainda são poucos os estudos que consideram percepções de caráter subjetivo e relatadas pelos próprios sujeitos. Assim, a presente pesquisa objetivou identificar a forma como crianças com TEA significam músicas do repertório Ocidental, através de pesquisa qualitativa e desenho com oito crianças com diagnóstico de autismo, sendo quatro com experiência musical e quatro sem experiência. A análise dos dados se deu através da análise de conteúdo para a criação de categorias explicativas da significação musical dos participantes, comparando os dados entre os grupos. Os grupos apresentaram diferenças na significação musical, sendo que as crianças com experiência musical apresentaram maior identificação de emoções, verbalizações, atenção, foco e conhecimentos musicais gerais.

Palavras-chave: significação musical; transtorno do espectro do autismo; musicoterapia; música.

MUSICAL SIGNIFICATION OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER



ISSN: 2764-5622

Vol. 7 | N°. 1 | Ano 2026

Daniele Pendeza

Instituto

Neurodiversidade

danielependeza@gmail.com

**Joíse de Brum
Bertazzo**

UFMS

joisebertazzo@gmail.com

**Rossana Flores
Bastos**

UFMS

rossanabastos.rb@gmail.com

ABSTRACT

Much is known about the benefits of music for people with Autism Spectrum Disorder, however, there are still few studies that consider subjective perceptions reported by the subjects themselves. Thus, the present research aimed to identify how children with ASD understand music from the Western repertoire, through qualitative research and drawing with eight children diagnosed with autism, four with musical experience and four without. Data analysis was performed through content analysis to create explanatory categories of the musical meaning of the participants, comparing the data between the groups. The groups presented differences in musical meaning, with children with musical experience showing greater identification of emotions, verbalizations, attention, focus and general musical knowledge.

Keywords: musical signification; autism spectrum disorder; music therapy; music.

SIGNIFICACIÓN DE LA MÚSICA PARA NIÑOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA

RESUMEN

Se sabe mucho sobre los beneficios de la música para las personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA); sin embargo, pocos estudios consideran las percepciones subjetivas reportadas por los propios sujetos. Por lo tanto, esta investigación tuvo como objetivo identificar cómo los niños con TEA dan significado a la música del repertorio occidental, mediante investigación cualitativa y dibujo con ocho niños diagnosticados con autismo, cuatro con experiencia musical y cuatro sin ella. El análisis de datos se realizó mediante análisis de contenido para crear categorías explicativas del significado musical para los participantes, comparando los datos entre los grupos. Los grupos mostraron diferencias en el significado musical, con los niños con experiencia musical mostrando una mayor identificación de emociones, verbalizaciones, atención, concentración y conocimiento musical general.

Palabras clave: Importancia musical; trastorno del espectro autista; musicoterapia; música.

1 INTRODUÇÃO

Ouvir e vivenciar música são atividades inerentemente humanas, fazendo parte de nossa constituição e evolução desde a antiguidade. Têm-se relatos de que o fazer musical remonta a 40.000 a.C., apresentando importâncias comunicativas, espirituais e de lazer, sendo assim fundamental na evolução da humanidade (Cuervo, 2018, p. 182).

Para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) a vivência musical também é de grande importância, e mais do que lazer, é uma forma de terapia e de promoção do desenvolvimento global e de sua saúde. Essa vivência se dá através da Musicoterapia, um campo de conhecimento, estudo e prática que utiliza experiências musicais (de audição, re-criação, composição e improvisação), baseadas na relação terapeuta e cliente, com o objetivo de prevenir, reabilitar e/ou promover saúde, transformar contextos sociais e comunitários e aumentar as possibilidades de existir e agir (União Brasileira das Associações de Musicoterapia, 2018). No âmbito do Autismo, a Musicoterapia busca facilitar e desenvolver a comunicação, interação social, a linguagem verbal e não verbal e melhorar a qualidade de vida. Segundo Sloboda (1985), a música tem capacidade de suscitar emoções profundas e significativas, sendo que os fatores emocionais são fundamentais para a significação da música, e a questão principal para a investigação psicológica em música é o modo como esta é capaz de influenciar as pessoas. Dessa forma, a Musicoterapia se baseia nos efeitos da música e seus elementos sobre o ser humano e a capacidade de transformá-lo através da vivência musical.

Quando abordamos questões inerentes às pessoas com autismo, a partir do entendimento de que elas apresentam um estilo cognitivo diferente, é necessária a busca pela compreensão de como esses sujeitos significam as audições musicais às quais são expostos diariamente. Boal-Palheiros (2006) afirma que existem diferentes maneiras de ouvir e de usar música, sendo que as diferenças nessa prática estão associadas às características pessoais do sujeito, o que envolve sua idade, formação musical, situação frente à música, seu contexto físico, social, cultural e educativo. A autora ainda ressalta que a audição musical tem um papel fundamental “no desenvolvimento da identidade pessoal e social, na formação de relações interpessoais e na regulação do humor e da emoção” (Boal-Palheiros, 2006, p. 303).

Somado a isso, é crescente a necessidade de valorizar pessoas com autismo como autores de suas vidas e o interesse em dados que privilegiem suas percepções e modos de entender e vivenciar o mundo. Essa forma de pesquisa tem ganhado força desde a década de 1980, que preconiza o lema “nada sobre nós, sem nós”, no intuito de reconhecer a necessidade de as próprias pessoas com deficiência promoverem diretamente os direitos humanos e o desenvolvimento necessário para a

melhoria de suas vidas (Sassaki, 2007). A teoria da Neurodiversidade contribui ao considerar o Autismo e outras condições como variações naturais da neurologia humana, e não doenças ou distúrbios que precisam ser curados. Assim, compreende que as pessoas neurodivergentes deveriam ser mais respeitadas na sociedade, por conta do seu funcionamento e desenvolvimento diferenciado, e que devem receber o atendimento e acessibilidade condizentes com suas necessidades, oportunizando o desenvolvimento de todo o seu potencial (Silberman, 2015; Singer, 1990).

Apesar disso, as crianças com autismo ainda são desconsideradas nas poucas pesquisas que preconizam suas percepções de mundo. Azevedo e Betti (2014) trazem de forma categórica que as crianças, de um modo geral, possuem suas próprias maneiras de se comunicar e de se expressar no mundo, seja falando com palavras e com o corpo ao mesmo tempo, enquanto outras falam mais com o olhar, outras com desenhos, ou escrita, ou ao brincar (Azevedo & Betti, 2014, p. 301). Isso se torna ainda mais incisivo quando as crianças em questão apresentam diagnóstico de autismo, pois muitas desenvolvem recursos diferenciados de adaptação social, dada suas dificuldades sociais, de comunicação e comportamentos restritos e repetitivos (Associação Psiquiátrica Americana, 2023). O que nos leva a entender a necessidade de que é produtivo tanto para uma inclusão eficiente, quanto para o entendimento da significação musical em diversas culturas, que se realizem pesquisas com crianças “procurando incentivá-las a falar e opinar como sujeitos ativos no processo” (Azevedo & Betti, 2014, p. 294).

Assim, percebe-se a necessidade de entender, de forma qualitativa e através de relatos dos próprios sujeitos com diagnóstico de autismo, quais suas significações acerca de um recorte do repertório Ocidental ao qual têm sido expostos. Também é necessário considerarmos o que as crianças com esse diagnóstico estão entendendo e percebendo deste repertório, que faz parte de sua aculturação, ou seja, envolvimento com a cultura do seu entorno, e aprendizagem social. Faz-se a seguinte pergunta guiadora da pesquisa: como crianças com autismo significam músicas do repertório Ocidental?

2 O AUTISMO E A SIGNIFICAÇÃO MUSICAL

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR) (APA, 2023), é caracterizado por déficits persistentes nas áreas de comunicação e interação social em múltiplos contextos, como déficit na reciprocidade socioemocional, nos comportamentos de comunicação não verbal e em desenvolver e manter

relacionamentos; e padrões restritos e repetitivos de comportamentos, atividades ou interesses, como movimentos motores ou vocais repetitivos, padrões ritualizados, interesses fixos e restritos, e/ou hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente. O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, de causa multifatorial, com sintomas presentes precocemente no período de desenvolvimento e que limitam ou prejudicam o funcionamento diário. Esses sintomas também podem se manifestar mais tarde, apenas quando as demandas sociais excedem as capacidades do indivíduo, ou serem mascarados a partir de estratégias aprendidas. No processo diagnóstico também é importante avaliar a existência de comorbidades, como deficiência intelectual, transtorno de linguagem, condições genéticas ou outros transtornos do desenvolvimento associados.

O autismo se divide em três níveis de acometimentos que indicam o suporte que o indivíduo necessita, sendo eles: Exige apoio (nível 1), Apoio substancial (nível 2) e Apoio muito substancial (nível 3). Essa classificação indica que “as necessidades de serviço só podem ser definidas de forma individual e mediante a discussão de prioridades e metas pessoais” (APA, 2023), ressaltando a necessidade de um atendimento individualizado e que respeite os desejos do indivíduo.

Isso faz do autismo uma condição complexa e com uma forte base genética, onde variantes em todo o genoma se manifestam como uma gama de alterações funcionais e de desenvolvimento, muitas vezes em tecidos e tipos de células específicos, não existindo, até o presente momento, marcadores biológicos que atendam a todas as manifestações do transtorno (Krishnan et al., 2016). Por isso, o diagnóstico decorre de avaliação comportamental, o que configura sua identificação e o diagnóstico precoce ainda como um desafio para muitos profissionais (Santos et al., 2015).

Dentre os tratamentos indicados para o autismo, a música tem sido amplamente utilizada como protagonista e como recurso de estimulação em todas as idades devido ao seu potencial de afetar a plasticidade cerebral através de funções complexas, múltiplas e de localização assimétricas. Pegoraro (2017), mostra que a música promove ganhos positivos nas áreas de socialização, interação, comunicação, linguagem e psicomotricidade, através de propostas de tratamento contínuo e sistematizado. A autora também traz que o aspecto não verbal desse tipo de intervenção é uma das principais formas de adesão destes indivíduos dentro da intervenção.

Deckert (2006) aponta que o processo imitativo da criança dentro do contexto musical ocorre através de uma construção musical em pensamento, no qual está implicada, sobretudo a imagem mental do som, levando ao desenvolvimento do pensamento simbólico. Gattino (2015) identificou peculiaridades no processamento auditivo de indivíduos com autismo, sendo que estes podem apresentar melhor processamento para a música em relação à fala, devido ao processamento prioritário

no córtex auditivo primário; certa superioridade no processamento musical em comparação com indivíduos típicos; características auditivas semelhantes a algumas características visuais; apresentar na audição uma facilidade para processar informações espaciais e concretas; e há evidências de uma percepção e memória musical acima da média (Gattino, 2015).

Estudos evidenciam a importância e os benefícios do trabalho da Musicoterapia, como ganhos musicais e extramusicais em pacientes com Autismo, nos âmbitos da: interação social e habilidades sociais (Fleury & Santos, 2016); comunicação verbal e não verbal (Sampaio et al., 2015); intenções comunicativas, manifestações socioafetivas, expressividade verbal e construção de vínculos afetivos (Sakuragi & Cunha, 2015); linguagem, percepção sensorial, cognição, sociabilidade, saúde e comportamentos (Freire et al., 2018); auto-organização e estabelecimento de limites (Gattino, 2015); relacionamentos interpessoais, confiança verbal e vocal, produção da fala e habilidades musicais (Brandalise, 2013).

Apesar de atualmente se saber tanto acerca dos benefícios da música para as pessoas com autismo, são poucos os estudos que abordam o entendimento de como esses indivíduos significam as músicas ouvidas referentes ao repertório musical Ocidental. Nas teorias que estudam a linguagem, um dos termos mais comuns e amplamente utilizados é o da metáfora. Segundo o Dicionário Priberam (n.d.), metáfora é uma figura de retórica, onde o significado usual de uma palavra é substituído por outro, entendível através de uma comparação subentendida. Por exemplo, quando dizemos que uma música é reluzente, fazemos uso de um significado “sem sentido”, uma metáfora, para explicar uma sensação causada pelo som, nesse caso, podendo indicar uma percepção sinestésica, pois une som e imagem.

Essa forma de representação do som, através de imagens e exemplos de sensações vivenciadas por outros sentidos que não o da audição, vem em auxílio a fim de explicar o que é a significação musical, pois essa é complexa e depende do contexto de cada indivíduo. Segundo Wazlawick et al. (2007), a relação estabelecida com o ouvir música envolve toda uma rede de significados sociais, tanto em contextos coletivos, quanto em contextos singulares, o que envolve a articulação de dimensões afetivas, desejos e motivações. A significação, ou seja, a construção de significados envolve um sistema de relações, que de forma alguma é permanente, mas sim dinâmico e condizente com o contexto sócio-histórico-cultural o qual está inserido, e variável “de acordo com a mudança das formas de funcionamento do pensamento” (Wazlawick et al., 2007). Assim, a significação musical individual é inerentemente conectada a um conhecimento local, vivenciado pelo sujeito nele inserido, o que torna a relação social do sujeito-música-sociedade dinâmica e complementar.

Levar em conta essa construção de significados, é se comprometer em entender o ser humano musical de forma ecológica, pois, segundo Blacking (2007), a prática musical (aqui inclui-se a audição musical como performance e construtora de significado) é uma força ativa na formação de ideias e da vida social, como comunicação não verbal, refletindo padrões da sociedade e da cultura.

3 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de desenho microetnográfico (Sampieri et al., 2013), pois se pretende entender um recorte da realidade musical de uma determinada cultura (crianças do sul do Brasil com diagnóstico de autismo), descrevendo e analisando a significação musical dada por esses sujeitos de músicas do repertório Ocidental e comparando os achados com grupos da mesma faixa etária e com características diferentes (com e sem experiência musical prática).

Após a aprovação da presente pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 13837119.0.0000.5346); foram recrutados oito meninos de idades entre 06 e 11 anos, os quais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, juntamente com seus responsáveis, aceitando participar da pesquisa. Das crianças participantes da pesquisa, todas apresentavam diagnóstico de autismo e eram verbais (nível 1 de suporte), sendo que quatro delas nunca tiveram experiência musical prática e as outras quatro realizavam Musicoterapia há pelo menos um ano e meio.

Cada participante compareceu a uma sessão de audição musical, que se deu através da apresentação de vídeos de performance e de animações, envolvendo sete músicas previamente selecionadas pelas pesquisadoras e que faziam parte do momento histórico e cultural em que estavam inseridos: Aquarela (Toquinho); O Ciclo da Vida (O Rei Leão); Querência Amada (Teixeirinha); Cheguei (Ludmilla); Addio del passato (Giuseppe Verdi); We will Rock you (Queen); Split Only U (Tiësto). Foi explicitado que as crianças poderiam pedir para desligar a música caso assim o desejassem e que poderiam desistir da sua participação a qualquer momento.

Anteriormente à todas as audições algumas perguntas foram feitas:

- Você gosta de músicas? (Quais? Lembra-se de alguma?)
- Você tem alguma música, banda ou gênero musical preferido? Qual(is)?
- O que você não gosta em música? (Ou: quais músicas você não gosta?).

Após cada audição, diálogos foram instigados pelas pesquisadoras através das seguintes questões:

- Você gostou da música? Por quê?
- O que você sentiu enquanto ouvia essa música?
- Ela fez você se lembrar de algo?

Os encontros foram videogravados para análise tanto das respostas à entrevista quanto da postura e expressões faciais dos participantes.

4 SIGNIFICAÇÃO MUSICAL DE CRIANÇAS COM TEA

Os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo (Bardin, 2004), onde as categorias foram os próprios questionamentos realizados aos participantes, gerando assim a possibilidade de comparação qualitativa entre os dois grupos.

Antes do início das audições, foram realizadas perguntas para compreender mais sobre a identificação das crianças com a música. Ao serem questionados se “Você gosta de músicas? (Quais? Lembra-se de alguma?)”, as crianças autistas sem experiência musical (identificadas com a sigla TEA-m) tiveram maior dificuldade em se expressar, mantendo suas respostas como “gosto” e dando exemplo de personagens como Rei Leão e Baby Shark, ou informando que “eu gosto de uma música, mas não sei qual”, e “gosto e não sei do que eu gosto”. As crianças do grupo de autistas com experiência musical (denominados como TEA+m) também apresentaram exemplos de personagens ao se referir a músicas preferidas, como Homem Aranha e Batman, mas foram mais específicas, como na colocação “músicas dos videozinhos que eu olho, dos video games, Superman 2, um sucesso da Nintendo de 2019 e Super Mario World, é bem legal”, além de terem afirmado que gostavam de “músicas que eu conheço”.

Com relação à segunda questão, “Você tem alguma música, banda ou gênero musical preferido? Qual (is)?”, o grupo TEA-m novamente relatou personagens, como dinossauros, Hot Wheels e Rei Leão, além de informar que não tinham nenhuma música/grupo/gênero preferido, ou que tinham uma banda favorita (sem saber dizer o nome) ou, ainda, que ouviam apenas o que os pais colocavam no rádio. O grupo TEA+m também trouxe personagens, como Homem Aranha, Star Wars, “música

dos videozinhos que eu olho”, além de informarem sobre gêneros musicais, como Rock e Pagode, e houve a citação do compositor de música erudita, Giuseppe Verdi.

Para a última pergunta antes das audições, “O que você não gosta em música? (Ou: quais músicas você não gosta?)”, o grupo TEA-m apresentou respostas mais específicas, como “não gosto de som alto, de Funk e de coisas assim”, “não tem nada que eu não goste” (apesar de não saber informar o que gosta) e “tem várias que eu não gosto. Gosto do Baby Shark um pouquinho, mas não sei dizer quais são as irritantes, pelo barulho, pelo som alto. Com som baixinho eu ouço um pouco a música, e daí a música acaba e faço outras coisinhas”. O grupo TEA+m informou gêneros específicos, como Funk e Axé, “não gosto de música calminha” e “gosto tudo de música, nenhum som me incomoda”.

Após esses questionamentos, as crianças foram convidadas a ouvir as músicas, sendo que após cada audição, foram feitas perguntas se haviam gostado, o que haviam sentido e se haviam lembrado de algo com aquela música, a fim de se compreender melhor quais significados eram apreendidos. Além disso, com a videogravação foi possível realizar anotações sobre suas expressões faciais, corporais e outras impressões observadas no momento da audição.

Em síntese, na abordagem inicial da entrevista, prévia às audições, a desenvoltura das crianças do grupo TEA-m indicou tanto uma maior dificuldade de expressão, quanto a submissão a um contexto social cujas oportunidades de desenvolvimento através da música não são gerenciadas, sendo que ouvem apenas o que os pais colocam no rádio (Sakuragi & Cunha, 2015; Wazlawick et al., 2007). Além disso, crianças do grupo TEA+m manifestaram ter percepção da influência do som alto em seu estado emocional (Freire et al., 2015).

4.1 Aquarela (Toquinho)

Na música “Aquarela”, o grupo TEA-m gostou da audição, exceto por uma criança, que disse que não gostou da música e pedia pelo Rei Leão (mesmo sem saber que a próxima música seria trilha deste filme). Uma das crianças afirmou que gostou porque “parece um filme, um menino e um homem fazem as coisas e as coisas aparecem, tipo um lápis mágico [...] tinha um som agradável”, e outro que era “música de passarinho”, fazendo referências às imagens vistas na tela. Nenhum deles conseguiu dizer o que sentia sem suporte, sendo que informaram sentimentos como alegria e tristeza na mesma música. Apenas uma criança informou, ao ser questionada se havia lembrado de algo, que “não lembrei de ninguém. Não quero falar” e todos mantiveram expressões atentas à tela, eventualmente se balançando no ritmo da música.

O grupo TEA+m foi unânime ao afirmar que gostou da música, fazendo referências aos desenhos e à técnica da aquarela. Uma das crianças disse que não sentiu nada e foi concreta em sua interpretação, ao afirmar que o vídeo ensinava a fazer desenhos, e as demais informaram sentir amor, felicidade e que ficaram calmas. Também informaram que pensaram no futuro e pensaram em coisas boas. Suas expressões envolveram olhar atento à tela, cantaram a música de forma afinada e se moveram de acordo com seu ritmo, balançando-se, batendo o pé e batendo palmas. Uma das crianças comentou que ao final, tudo se descoloriu, fazendo relação ao envelhecimento e passar do tempo presentes nas imagens do vídeo.

Nas respostas a partir da audição da primeira música notou-se da parte do grupo TEA-m a dificuldade em reconhecer e expressar emoções, enquanto que as manifestações socioafetivas do grupo TEA+m indicaram melhor leitura e expressão sobre o que sentiram (Sakuragi & Cunha, 2015), assim como a formação de uma rede de significados sociais, como, por exemplo a identificação de que a música, em suas analogias, indicava o envelhecimento (Wazlawick et al., 2007). Ademais, observou-se afinação de crianças do grupo TEA+m ao cantarem “Aquarela”, demonstrando habilidade musical (Brandalise, 2013).

4.2 O Ciclo da Vida (O Rei Leão)

A segunda audição envolveu a música “O Ciclo da Vida”. O grupo TEA-m demonstrou gostar por ser a música do filme Rei Leão, além de uma das crianças verbalizar que gostou porque “lembrou o sentimento de raiva e parecia guerra”, fazendo alusão à história do filme. Essa mesma criança informou que, ao ouvir a música lembrou “da raiva e senti tristeza, da parte quando o macaco pegou o filhotinho, porque foi muito feliz e me deu um pouquinho...”, demonstrando uma confusão de sentimentos. As demais crianças desse grupo relataram se sentir felizes e alegres, pois conheciam a música. Ao serem questionados se haviam lembrado de algo, relataram cenas do filme. Suas expressões eram de atenção, especialmente no momento em que ocorre o batismo do leão e, eventualmente, cantarolaram e se movimentaram no ritmo da música.

O grupo TEA+m, além de fazer referências ao filme, também informou ter gostado da música, por ela ser bonita, sua letra falar sobre coisas boas e houve referência ao coral de vozes. Sobre os sentimentos despertados, as crianças relataram sentir alegria, paz e “um aleluia, brilho, até parece um milagre do céu, senti amor”. Sobre as lembranças despertadas, informaram cenas do filme, de ter ouvido a música junto de seu pai durante um passeio de carro e “lembrei sobre a tribo dos índios

Guaranis, porque no início a música era cantada pelos índios”. Suas expressões e posturas envolveram olhar atento e marcação do tempo da música com pés e dedos tamborilando a mesa.

Destacou-se, na audição da música “O Ciclo da Vida”, a diferença nas manifestações socioafetivas dos dois grupos participantes, uma vez que do grupo TEA-m houve confusão de sentimentos e no segundo grupo percebeu-se objetividade na manifestação das emoções sentidas e a indicação de já conhecerem a música, ou seja, a partir de suas experiências musicais, tiveram oportunidade de interpretar a mensagem musical e seus sentimentos de resposta (Sakuragi & Cunha, 2015). Ainda, pode-se referir que no grupo TEA+m ocorreu o estabelecimento de relações entre a música, suas vivências pessoais e o contexto sócio-histórico em que esta foi originada (Wazlawick et al., 2007).

4.3 Querência Amada (Teixeirinha)

O grupo TEA-m novamente trouxe relatos sobre as imagens vistas na tela ao invés do conteúdo musical em si, sendo unânime ao dizer que gostaram da música, além de informarem que se sentiram felizes e alegres. Sobre suas lembranças, uma criança citou o chimarrão e outra informou que “lembrou do filme Viva a Vida é uma Festa, lembrou de festival e festagem. Quando eu vou na minha vó ela coloca esse som”, onde houve relação de um filme em que há a interação entre avó e neto com uma vivência em que o próprio menino experiencia com sua avó. Duas crianças demonstraram não se engajar com a música, pediram para passar para a próxima e duas delas, as que já conheciam, movimentaram-se conforme o ritmo.

Com relação ao grupo TEA+m, este trouxe informações sobre a música representar o Gaúcho, informando que sentiu paz, amor e alegria. Sobre lembranças, foram feitos novos relatos sobre os Gaúchos e uma das crianças disse que lembrou “do dia do Gaúcho e da festa Junina, porque Gaúcho é meio igual a Caipira, por causa da vestimenta”, fazendo relações entre duas culturas e ressaltando similaridades. Todas as crianças desse grupo se movimentaram ao som da música e, em alguns momentos, fizeram gestos como se estivessem tocando instrumentos musicais, como violão e bateria.

As manifestações das crianças dos dois grupos participantes após audição de “Querência Amada”, indicou que as experiências vivenciadas no campo musical favorecem o estabelecimento da relação com o contexto social em que estão inseridas, instigando memórias e favorecendo a identificação de seu estado emocional, além de sua capacidade de expressão verbal (Sakuragi & Cunha, 2015). Além disso, a experiência prévia das crianças dos dois grupos parece ter favorecido o desempenho quanto às habilidades musicais, especificamente, sendo que as do grupo TEA-m se

balançavam conforme o ritmo e as do TEA+, além de movimentarem-se do mesmo modo, também fizeram que tocavam instrumentos (Brandalise, 2013). Desse modo, compreende-se a preferência por artefatos próprios de sua cultura, dentre eles a música, como fator oportuno para o desenvolvimento de habilidades das mais variadas quando se trata da população com autismo.

4.4 *Cheguei (Ludmilla)*

A quarta canção, “Cheguei”, não agradou ao grupo TEA-m, que indicou a música ser “um pouquinho violenta quando ela falou se abaixa e chora”. Porém, quando perguntados sobre o que sentiram, as respostas foram variadas entre não sentir nada, legal, feliz e uma das crianças não soube responder. Sobre lembranças causadas pela música, duas crianças informaram não lembrar de nada, uma disse que se lembrou de raiva e outra não sabia. As crianças mostraram expressões e comportamentos de desinteresse pela música, mesmo a conhecendo e eventualmente cantarolando junto.

O grupo TEA+m trouxe mais conteúdo sobre a música, informando que “a música não é muito romântica”, “não gostei porque só fala de menina”. Uma das crianças pediu para passar porque não acabava nunca. Sobre os sentimentos, informaram sentir raiva, felicidade e chatice. Foram unânimes em dizer que não lembraram de nada com essa audição. Suas expressões foram de seriedade, atenção, marcaram o tempo da música com os pés e dedos das mãos.

Destacou-se nas respostas dos participantes após audição de “Cheguei”, o conhecimento musical dos participantes do grupo TEA+m que, apesar do desgosto pela música, foi demonstrado através da marcação do seu tempo com movimentos corporais (Brandalise, 2013). Da parte dos dois grupos observou-se atenção e posicionamento crítico quanto ao conteúdo da letra, remetendo aos significados sociais advindos dos contextos coletivos dos quais fazem parte (Wazlawick et al., 2007).

4.5 *Addio del passato (Giuseppe Verdi)*

A próxima audição foi da ária “Addio del passato”, mudando consideravelmente o gênero musical apresentado. Apesar de algumas crianças talvez não conhecerem essa ária em específico, a cidade em que residem apresenta consideráveis oportunidades para se acompanhar apresentações de música erudita, por isso optou-se por trazer um momento de audição com esse estilo musical. No grupo TEA-m duas crianças informaram gostar da música, sendo que uma delas comentou que gosta de ópera. Outras duas informaram que não gostaram porque “ela tá gritando”. Sobre os sentimentos

evocados, foram citados “brabo”, feliz e uma criança disse que “agora deu dois sentimentos, alegria e tristeza. Porque parece que o namorado largou ela, e alegria por causa que eu gosto dessa música”. Nenhuma das crianças relatou ter lembrado de algo e uma informou que a música era bobinha. Suas expressões e comportamentos envolveram seriedade, morder o dedo, inquietação na cadeira, expressão de tristeza, uma criança tentou cantar junto e outra solicitou para passar a música.

O grupo TEA+m informou que: a música era feia, “achei meio louca, gostei...”, chata e “gostei, mas é meio assustadora”. Os sentimentos ressaltados envolveram triste, feliz, assustado, “tristeza, porque era o fim pra ela, é triste e bonito ao mesmo tempo” e raiva. Apenas uma criança disse lembrar de algo e fez relação com a música trilha da fase do jogo Mário World, que se passa em um castelo mal-assombrado. Suas expressões envolveram sorrir, marcar o tempo da música batendo os pés, uma criança se deitou em uma almofada disponível na sala e pediu para passar a música, informando que “essa moça tá louca, louca mesmo! Parece até que ela morreu. As pessoas morrem quando ficam velhinhas ou são atropeladas por um carro”. Outro participante colocou a língua para o vídeo e disse que não lembraria de nada, porque não entendia a língua em que a canção estava sendo cantada.

Com base no desempenho dos participantes do estudo em resposta às questões sobre “Addio del passato”, identificou-se que, mesmo para aqueles que não se relacionam cotidianamente com o gênero musical em questão, especialmente os participantes do grupo TEA-m, a apreciação da música oportunizou a formação de ideias, possivelmente influenciadas também por suas vivências (“parece que o namorado largou ela”) (Blacking, 2007). De ambos os grupos vieram manifestações socioafetivas indicativas majoritariamente de desagrado com a música.

4.6 *We will Rock you (Queen)*

A penúltima música foi “We will Rock you”. Uma criança do grupo TEA-m identificou que a música pertencia ao gênero Rock, todos gostaram, dizendo que era bonita e uma das crianças perguntou se essa também era da Guarda do Leão. Os sentimentos informados envolveram medo, animação e felicidade. As lembranças envolveram medo, um filme, e duas crianças não souberam responder. Seus comportamentos abrangeram olhares fixos na tela, cenho franzido, agitação enquanto sentados na cadeira, sorrisos e uma criança imitou movimentos de tocar guitarra.

O grupo TEA+m foi unânime em afirmar que gostou da música, com frases como “conheço e gosto, porque tem Rock”, “gostei, porque tava tocando bateria e guitarra, eu adoro guitarra” e “Achei bonita, a voz era bonita e mega feliz, gostei da voz”. As emoções evocadas envolveram felicidade,

empolgação, paz, “emoção do remexo” e “mega feliz”. Sobre suas lembranças, uma das crianças informou que “meus colegas cantavam isso o tempo todo e isso não me irritava, me deixava empolgado”, outra criança disse que se lembrou dos Beatles e outras duas não souberam especificar suas lembranças. As expressões e comportamentos apresentados envolveram sorrir, mover-se ao ritmo da música e sacudir a cabeça e o tronco com vigor.

Diferentemente da audição anterior, a sexta audição oportunizou manifestações afetivas indicativas de agrado por parte de todos os participantes, havendo maior variação e precisão em relação aos sentimentos indicados pelo grupo TEA+m (Sakuragi & Cunha, 2015). Informações mais precisas sobre o gênero musical e instrumentos presentes na música foram mais comuns também ao grupo TEA+m, indicando maior conhecimento musical (Brandalise, 2007).

4.7 Split Only U (Tiësto)

Na última música apresentada, uma criança do grupo TEA-m disse que não gostou porque não conhecia, e as demais gostaram por ser da temática do circo (no vídeo, era apresentado um show ao vivo e havia uma tenda que remetia ao circo, bem como show de fogos). Sobre sentimentos evocados, uma das crianças ressaltou que ficou agitada, com desconforto pelo som alto, uma não sentiu nada e duas ficaram felizes. Sobre lembranças, apenas uma criança falou sobre circo, fazendo relação com as imagens vistas. A criança que não gostou da música tapou os ouvidos e pediu para baixar o volume; duas caminharam pela sala, demonstrando agitação; e outra também se mostrou agitada e parou a música.

O grupo TEA+m foi unânime ao afirmar que gostou da música. As emoções evocadas envolveram felicidade, empolgação e uma criança disse que se sentiu “agitado, louquice, essa música me deixou louco”. Sobre lembranças causadas pela música, duas crianças não se lembraram de nada, uma fez referência ao circo, “me lembrou de um circo que eu fui, por causa da imagem, e lembrei de um nível do Super Mário no circo [cantarolou o tema]”. Outro participante comentou que “apareceu um fogo, né, e o fogo do meteoro que caiu na terra muito tempo atrás foi muito maior que esse e matou os dinossauros”. Suas expressões e comportamentos envolveram olhares atentos; uma criança dançou pela sala, demonstrando grande agitação e movimentação do corpo de acordo com o ritmo e andamento da música.

Finalizando as audições, identificou-se que crianças do grupo TEA-m manifestaram memórias e sentimentos com base nos aspectos visuais que acompanhavam a música e uma que referiu ter ficado agitada, relacionou o desconforto com aspecto sensorial (som alto) (Freire et al., 2018). Já

nas respostas das crianças do grupo TEA+m, expressadas através de colocações verbais mais ricas, destacaram-se as emoções sentidas e memórias de suas vivências, observando a articulação entre ambas, ou seja, já que gosta de dinossauros e do jogo do Mário e a música remeteu a essas memórias, então a música lhe soa agradável (Wazlawick et al., 2007).

5 CONCLUSÃO

Com o intuito de conhecermos acerca da significação musical de componentes do repertório Ocidental por parte de crianças com TEA, realizamos uma pesquisa de desenho microetnográfico, onde foram feitas indagações para oito crianças autistas, sendo quatro delas com experiência musical formal e quatro sem esta experiência, acerca de músicas presentes no repertório Ocidental e condizentes com a cultura a qual elas estavam inseridas.

Alguns achados importantes do grupo TEA-m envolveram dificuldade em expressar sentimentos e compreender o significado das músicas; menos reações motoras ao ritmo; maior presença de comportamentos inquietos durante as audições; frases mais curtas e sem aprofundamento ao se expressarem verbalmente, sendo que sabem falar mais do que não gostam e não conseguem informar o que gostam; confusão sobre a expressão de sentimentos, muitas vezes falando algo (por exemplo, que está feliz), mas se expressando de forma diferente (semblante bravo/raivoso). As crianças desse grupo solicitaram parar algumas das audições musicais em cinco momentos, demonstrando maior desconforto com sons sentidos como barulhentos.

O grupo TEA+m, por sua vez, demonstrou maior identificação de emoções e gêneros musicais; verbalização de frases mais elaboradas e maior interpretação musical; maior atenção e foco nas audições; maior identificação de instrumentos musicais e comentários pertinentes acerca deles e das vozes dos cantores. No caso deste grupo, as crianças pediram para parar músicas apenas duas vezes, por não terem gostado do que ouviam.

Também é importante relatar que um achado foi comum aos dois grupos e certamente está ligado ao diagnóstico das crianças, sendo que foram realizadas referências concretas às imagens assistidas nos vídeos, como identificar uma música a partir de seu personagem principal.

A pesquisa apresentou alguns desafios. Por exemplo, mesmo as crianças sendo verbais, teria sido importante a utilização de recursos visuais para facilitar a comunicação, compreensão e principalmente expressão de sentimentos. Além disso, a metodologia utilizada buscou perguntas para

as crianças participantes que gerassem dados relevantes ao objetivo da pesquisa, mas a sua estruturação também limita os achados, por focar no que as pesquisadoras acreditam ser um achado de pesquisa, ao invés de dar mais espaço para os sujeitos participantes se manifestarem. Apesar disto, acreditamos ser de grande relevância que pessoas autistas e com outras neurodivergências sejam ouvidas e suas singularidades investigadas e melhor compreendidas.

REFERÊNCIAS

- Associação Psiquiátrica Americana. (2023). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR (D. Vieira et al., Trans.; J. A. S. Crippa et al., Rev. técn.; 5ª ed., texto rev.). Artmed.
- Azevedo, N. C. S., & Betti, M. (2014). Pesquisa etnográfica com crianças: caminhos teórico-metodológicos. *Nuances: Estudos Sobre Educação*, 25(2), 291–310.
<https://doi.org/10.14572/nuances.v25i2.3189>
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Edições 70.
- Blacking, J. (2007). Música, cultura e experiência. *Cadernos de Campo*, 16(16), 1–304.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v16i16p201-218>
- Boal-Palheiros, G. (2006). Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes, em diferentes contextos. In B. Ilari (Org.), *Em busca da mente musical: Ensaio sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção* (pp. 271–302). Editora da UFPR.
- Brandalise, A. (2013). Musicoterapia aplicada à pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): Uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, 15, 28–42.
<https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/238>

- Cuervo, L., & Rosat, R. M. (2018). Abordagem interdisciplinar entre música e neurociências: Estratégias de fomento e inserção curricular no ensino superior. *Orfeu*, 3(1), 172–196. <https://doi.org/10.5965/2525530403012018172>
- Deckert, M. (2006). Construção do conhecimento musical sob uma perspectiva piagetiana: Da imitação à representação [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Repositório Institucional da UFPR. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/7492>
- Freire, M. H., Martelli, J., Estanislau, G., & Parizzi, M. B. (2018). O desenvolvimento musical de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em musicoterapia: Revisão de literatura e relato de caso. *Orfeu*, 3(1), 145–171. <https://doi.org/10.5965/2525530403012018145>
- Gattino, G. S. (2015). Musicoterapia e TEA: Teoria e prática. *Memnom*.
- Krishnan, A., Zhang, R., Yao, V., Theesfeld, C. L., Wong, A. K., Tadych, A., Volfovsky, N., Packer, A., Lash, A., & Troyanskaya, O. G. (2016). Genome-wide prediction and functional characterization of the genetic basis of autism spectrum disorder. *Nature Neuroscience*, 19(11), 1454–1462. <https://doi.org/10.1038/nn.4353>
- Pegoraro, L. C. (2017). A música como intervenção neuropsicológica no tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA): Uma visão crítica da literatura [Trabalho de conclusão de curso, Curso de Especialização em Psicologia]. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/159137>
- Priberam. (n.d.). Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. <https://dicionario.priberam.org>
- Fleury, E. A. de B., & Santos, K. D. dos. (2016). Musicoterapia na interação social de pessoas com TEA: Estudo de revisão. *Revista InCantare*, 7(2), jul./dez. <https://doi.org/10.33871/2317417x.2016.7.2.1754>
- Sakuragi, M. E., & Cunha, R. (2015). Musicoterapia: Um caminho para estabelecer vínculos e relações musicais com crianças autistas. *Revista InCantare*, 6(2), 97–121. <https://doi.org/10.33871/2317417X.2015.6.2.1269>

- Sampaio, R. T., Loureiro, C. M. V., & Gomes, C. M. A. (2015). A musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: Uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. *Per Musi*, 32, 137–170. <https://doi.org/10.1590/permusi2015b3205>
- Sampieri, H. R., Collado, C. F., & Lucio, M. del P. B. (2013). Metodologia da pesquisa (D. V. de Moraes, Trans.; 5ª ed.). Penso.
- Santos, A. L. V., Fernandes, C. F., Santana, T. G., Espírito Santo, L. R., Lafetá, B. N. (2015). Diagnóstico precoce do TEA: Dificuldades e importância. *Revista Renome – Revista Norte Mineira de Enfermagem*, 4(Edição Especial), 23–24. <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renome/article/view/2655>
- Sasaki, R. K. (2007). Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 2. *Revista Nacional de Reabilitação*, 10(58), 20–30. <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/nada-sobre-n%C3%93s-sem-n%C3%93s2.pdf>
- Silberman, S. (2015). *NeuroTribes: The legacy of autism and the future of neurodiversity*. Avery.
- Singer, J. (2016) [1990]. *Neurodiversity: The birth of an idea* [Versão Kindle]. Judy Singer.
- Sloboda, J. A. (1985). *The musical mind: The cognitive psychology of music*. Oxford University Press.
- União Brasileira das Associações de Musicoterapia. (2018). Definição brasileira de musicoterapia. <http://ubammusicoterapia.com.br/definicao-brasileira-de-musicoterapia/>
- Wazlawick, P., Camargo, D. de, & Maheirie, K. (2007). Significados e sentidos da música: Uma breve “composição” a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 105–113. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000100013>

Daniele Pendeza

Musicoterapeuta, Analista do Comportamento e Mestre em Educação na linha de pesquisa de Educação Especial.

E-mail: danielependeza@gmail.com.

<http://orcid.org/0000-0001-5827-6307>

Joíse de Brum Bertazzo

Licenciada em Educação Especial, Especialista em Gestão Educacional, Especialista em Análise do Comportamento Aplicada para Autismo e Deficiência Intelectual e Mestra em Educação.

E-mail: joisebertazzo@gmail.com

<http://orcid.org/0009-0004-3704-8865>

Rossana Flores Bastos

Musicoterapeuta, formada em Licenciatura em Música (UFSM) e especialista em Musicoterapia (Faculdade Alpha).

E-mail: rossanafbastos@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8992-0342>
